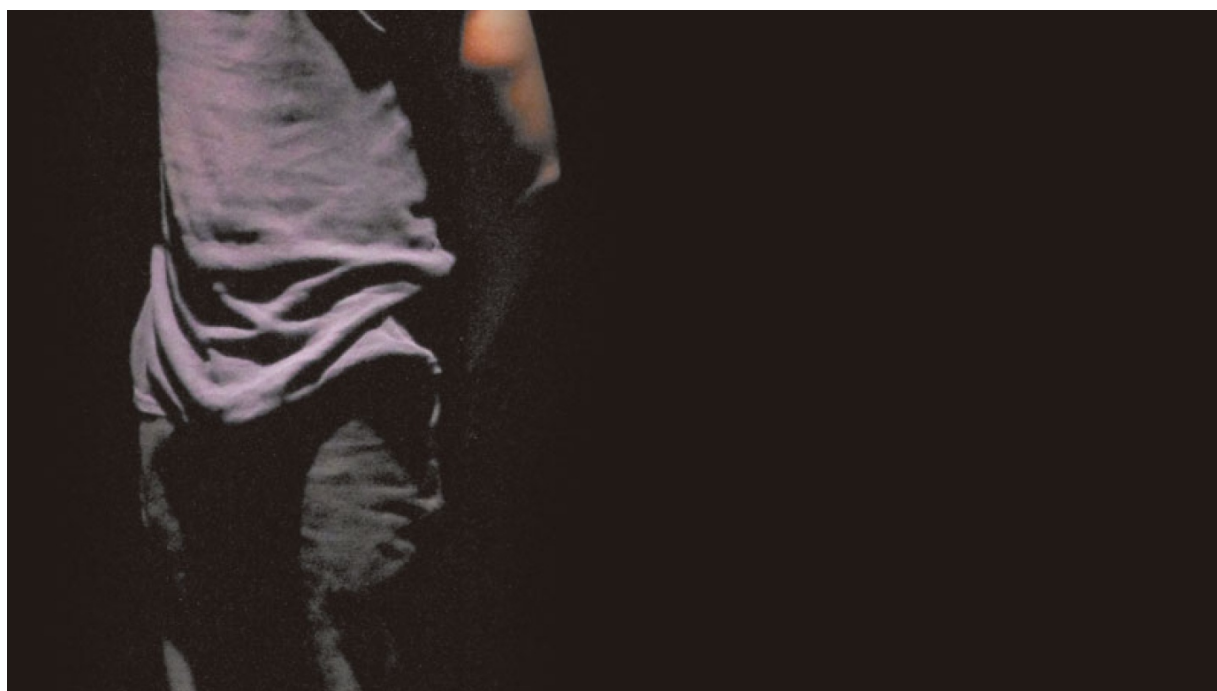


Um oceano devastador

Por Redação, 00:00 / 07 de Março de 2017

Com "Um Corpo Jogado ao Mar", Bruno Gomes investiga o território por onde circularam as raízes brasileiras



Para Bruno Gomes, o mar é um território simbólico a ser questionado pela dança



Muitas são as matizes responsáveis por compor a chamada identidade brasileira. Dessa história construída em sua maior parte pela ótica e controle de uma elite secular, são frequentes e necessários os processos de desconstrução e crítica. Estar atento a este emaranhado cultural é uma premissa contemporânea. Perguntas sobre a formação do cearense, por exemplo, muitas vezes são pouco discutidas.

É pelo mar que a narrativa brasileira foi inicialmente edificada. Este oceano, muitas vezes poético, significou o espaço por onde os navios negreiros percorreram e criaram rotas. Houve um momento quando o cheiro de morte e injustiça navegava de forma mais escancarada. A obra "Um Corpo Jogado ao Mar" investiga essas tensões, esgarça esse território guiado pelo desterro.

O espetáculo solo do dançarino e coreógrafo cearense Bruno Gomes investiga as raízes brasileiras e, inevitavelmente, as pegadas do povo cearense. O trabalho ocupa a mostra "Quinta com Dança Experimental" - Temporada de Arte Cearense, em cartaz nos dias 9, 16, 23 e 30 de março, sempre às 20h, no Teatro do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura (CDMAC).

Com passagem pela última Bienal Internacional de Dança do Ceará, realizada em outubro de 2016, a montagem começou a ser pensada durante os processos de formação do realizador - no período em que Gomes se dedicava ao

Toda essa teia capaz de rivalizar vida e morte apresenta a queda brusca de um corpo. Encarnado na figura de uma deusa, depara-se com o diabo. Segundo o autor, representa o "grito seco, grito mudo de uma mãe oceano". Justamente esse espelho materno é capaz de refletir dor, nascimento e também fim.

Sobre os encontros com o público cearense nas próximas quintas, o bailarino argumenta como este trabalho surgiu a partir do incômodo.

"Em sala (durante o curso técnico), houve esse estímulo externo, comecei a investigar a respeito dos Orixás, das lendas africanas e tudo que caminhava por este universo. Teve um dia forte em que pediram para eu dançar a morte. Foi muito arrebatador e no sentido estético foi desafiador. Me peguei questionando sobre a morte, a vida. As coisas estavam caminhado juntas, a ideia de raça, a escravidão e todo esse preconceito ainda existente", resgata Gomes.

Passagem

Este "morrer no mar", tornou-se um elemento natural e forte no processo criativo do artista. Abraçar tais elementos e condensar dentro da matéria corpo carrega todas as ações desta dança experimental. "Ele (o mar) abraça praticamente a terra inteira, temos mais água de que terra. O mar ainda é um lugar de perigos. Apesar disso, se transforma, passa por mutações", finaliza o realizador.

Toda essa estratégia sensorial de "Um Corpo Jogado ao Mar" esgarça a história de construção deste povo e, ao mesmo tempo, dialoga com este imaginário local. Antes de sangrar como símbolo de fuga e o ideal de desbravar outros continentes, nestas águas afundaram sonhos, histórias e corpos; dos mais culpados aos totalmente inocentes.

Trajatória

Natural de Iguatu, Bruno Gomes desde a infância teve o sonho de dançar. Após um ano estudando dança em Paracuru, a convite do bailarino Flávio Sampaio, mudou-se para Fortaleza em 2011. Passou a trabalhar com a Cia. Dita e com Wilemara Barros, bailarina e coordenadora do curso técnico em dança da Escola Porto Iracema das Artes.

Aluno da quarta turma do curso técnico em dança da Escola Porto Iracema das Artes, Gomes atualmente também realiza trabalhos colaborativos com coletivos de artes em Fortaleza e inicia um processo de desenvolvimento de seu trabalho autoral em dança contemporânea. Neste caminho, entre outros trabalhos, montou "Fascínio do Vento" e participou de "Matriz", vídeo e dança que integrou a exposição "Corpo Alheio".

Mais informações:

Espetáculo "Um Corpo Jogado ao Mar". Às quintas de março, 20h, no Teatro do Dragão (R. Dragão do Mar, 81, Praia de Iracema). Ingresso: R\$ 10 (inteira). Contato: (85) 3488.8600



VC REPÓRTER

FLAGROU ALGO? ENVIE PARA NÓS

(85) 98887-5065